

3 / Dez / 60

Suple

TODOS OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTE SUPLEMENTO SÃO ORIGINAIS E DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DE
AINDA QUANDO NÃO APROVEITADAS. A PUBLICIDADE

ARTE

Questão de justiça

LOURIVAL GOMES MACHADO

Aguardava, impaciente, que dessas colunas se levantasse a revoada de meus amados anjos mineiros, para comentar um acontecimento, que sendo por certo dos mais importantes ultimamente ocorridos na vida artística da cidade, também se liga a assunto aqui comentado mais de uma vez. Trata-se, está claro, da nomeação de Mario Pedrosa para a direção artística do Museu de Arte Moderna.

Se, como é obvio, por todos os títulos Mario Pedrosa não precisa de qualquer "promoção" de imprensa, não me agodaria no oferecer-lhe elogios que pode tranquilamente dispensar, mesmo porque sabe ele sempre e seguramente contar com minha admiração. Não obstante, depois de haver assinalado, sem circunloquios, os momentos terrivelmente sombrios por que vem passando esse Museu mergulhado em crise e convulsionado em pânico, de forma alguma poderia calar-me quando em sua história tenebrosa penetra um facho de luz. É questão de justiça.

Mas a justiça, para ser feita, exige objetividade total. Objetividade no bem definir as regras, mais ou menos abstratas, porém sempre correspondendo a finalidades propostas, do que deve ser. Objetividade igual no bem caracterizar os fatos, mais ou menos coloridos pelos sentimentos, porém sempre redutíveis à realidade essencial, do que é. Só assim, consideradas em sua mais pura verdade, essas duas peças lógicas poderão entrar no exato entrosamento imprescindível à justa conclusão.

Façamos, pois, justiça procedendo à objetiva reavaliação da conjuntura que ora conhece o Museu. Assinalemos, antes de mais nada, que os últimos acontecimentos, se não chegaram a abrir uma limpa saída para o que lentamente se aprofundava num tremedal de desacertos, terão ao menos a virtude de haver simplificado, em seus termos básicos, a situação. Assim, em primeiro lugar, no que respeita ao próprio arcabouço do Museu.

Tudo o que aqui anteriormente foi dito, em que pesem certas neuroticas reações de que vim a saber, está, hoje, plenamente confirmado. Os novos "estatutos" e a "nova" diretoria, que se engendraram depois da V Bienal e constituíram a origem primeira de meus protestos, tocaram afinal o termo derradeiro do rosário de incontáveis erros que deveriam fatalmente produzir, acabando reduzidos a zero, como não o escondeu Mario Pedrosa em sua entrevista à imprensa. Não é menos certo, contudo, que depois de afastados tais elementos permanece, presente e ativa, a causa que os produziu, continuando, pois, o Museu sob o risco de, amanhã, ver repetidos os erros de ontem. Como, em razão de que propositos, por intermédio de quem se comporá ou (como é bem provável) se recomporá a diretoria social e administrativa? Também como, para que, e com que sentido se estabelecerão futuros estatutos ou, simplesmente, se ajeitarão os atuais?

De outra parte paralelamente à crise interna que a desagregação espontânea acabou por aliviar, continuam de pé os problemas que provocaram a crise externa. Por esta altura, já importa menos saber, como até há pouco parecia conveniente insinuar manhosamente, se tais ou quais grupos ou pessoas estão "contra" ou "a favor", porque tais problemas passaram ao domínio público e, embora façam pasmar, continuam sem solução. Serão, porventura, sanados? Ou, como indicam as aparências, serão deixados tais e quais, ao modo de malfeitos em família que só a ação do tempo pode apagar na memória dos homens?

E ainda haveria a considerar uma terceira ordem de efeitos críticos, na qual, pela inevitável propagação centrífuga dos cismos, os erros internos e suas repercussões exteriores foram ganhar eco no orbite do prestígio nacional e, até, internacional da instituição. Novas interrogações poderiam, aqui, ser levantadas. Como as demais, não poderiam, contudo, receber qualquer resposta provinda do nosso plano em que enraizam as causas profundas.

Uma série de negativas e interrogativas compõem, portanto, o atual boletim de saúde do Museu em crise. Nem por isso deixou de haver alguma melhora, senão propriamente para o enfermo, ao menos para a formulação do diagnóstico, porquanto, efetivamente, já se eliminaram, por si sós, alguns fatores perniciosos que, faz pouco, ainda operavam livremente. Só assim se pode objetivar ao menos até esta manhã de domingo que aproveito para escrever o que presentemente o Museu é.

Se, agora, desejasse definir o que ele deve ser, muito provavelmente tenderia a simplificar a ques-

tão afirmando que, numa tal conjuntura, a premissa ideal e normativa pode ser identificada com a pessoa e a ação de Mario Pedrosa. Esse homem que o Museu foi buscar, sem dúvida cedendo ao peso de suas capacidades intelectuais, de sua conhecida intransigência moral e, principalmente, de sua qualidade de verdadeiro especialista, não pode surgir no atual contexto apenas como um mero executor esclarecido da diretoria, nem como um profissional a serviço da instituição, nem sequer como um valioso avalista das ações do Museu. Pelo contrario, nele e pela mesma razão por que foi convocado, se encontra o polo de convergência de todos os valores e iniciativas correspondentes ao que o Museu deve ser e, de fato, não é.

Não cairei na ingenuidade de comprazer-me com verificar que tudo quanto os passados diretores artísticos da instituição propuseram, pleitearam, exigiram, reclamaram com o protesto da própria demissão, reaparece agora, na boca de Mario Pedrosa, como expressão dos intuitos inerentes e das condições imprescindíveis ao trabalho que inicia. Tal reiteração apenas sublinha a razão que assistia aos anteriores ocupantes do cargo (mais precisamente: áqueles, entre os ocupantes, realmente capacitados) e, por igual, confirma a competência e lucidez do atual. Ao enunciá-la, chegando a minúcias corajosíssimas, quase temerárias, Mario Pedrosa simplesmente tornou explícita sua própria definição de Museu e, pois, o critério que futuramente obedecerá para julgar os méritos artísticos e morais deste mesmo Museu que acaba de pedir o auxílio de sua orientação.

Compreendeu a verdadeira situação da entidade e, portanto, de forma alguma lhe terá escapado como os espíritos independentes receberam a notícia de sua tomada de posse. Não pedirá, conseqüentemente, a ninguém, que, apenas com tê-lo por diretor artístico, considere recuperado o Museu, mesmo porque sabe que ninguém faria a injúria de julgar que ele próprio tivesse "piorado" só com passar a trabalhar no Museu... Em outras palavras, no cargo Mario Pedrosa continua a ser o mesmo Mario Pedrosa, conhecido e acatado, não cabendo de sua ação futura esperar senão uma inatacável coerência consigo mesmo e os bons frutos que daí possam provir. Já o Museu, este não pode nem deve permanecer o mesmo, esforçando-se no sentido de uma transformação, até que se positive, ou não, sua capacidade de moldar-se à direção artística, alta e capaz, que muito demorou em procurar.

É questão de justiça, disse mais acima, acrescentando que justiça só se faz com objetividade. Ora, por força das circunstâncias, nunca foi mais fácil vislumbrar objetivamente os fatores essenciais da situação, do que agora, uma vez processada a singular autodepuração que reduziu toda a crise à sua simplicidade básica e, mais, quando à sua frente se estabeleceu o nítido contraste da normalidade. Com a atenção posta em tal quadro, torna-se possível aguardar a passagem do tempo até o instante propício a novo ajuizamento.

Ressalve-se, apenas e desde já, que o futuro juízo, se vier a ser condenatório, de forma alguma poderá atingir a Mario Pedrosa, a menos que se admita a hipótese — para mim, desprezível — de que venha ele a trabalhar contra si próprio. Efetivamente, dez longos anos de experiência institucional aí estão para exonerá-lo hoje de qualquer responsabilidade porvindoura no caso de não alcançar seus intentos, tais como, de forma muito precisa e nítida, fez questão de definir preliminarmente. Em contrapartida, se vier — como sinceramente desejo — a concretizá-los, caber-lhe-á, por inteiro e exclusivamente, o mérito da façanha. Ou melhor: da dupla façanha de haver organizado e dirigido um verdadeiro Museu e, também, de haver recuperado este Museu.

Assim, colocando-o à margem e acima de um passado institucional, que lhe é totalmente estranho e por sobre o qual deve passar para chegar às suas metas, recebem Mario Pedrosa em seu novo cargo todos aqueles que, nestes brasis, ainda creem na arte como numa vital necessidade. Se parece dispensável, na ocasião, rememorar enfaticamente seus títulos e seus atributos pessoais, também se tornam dispensáveis os votos otimistas que são de praxe em oportunidades do genero. Por isso, bastar-me-ei com formular-lhe apenas um pedido: que, no posto, jamais se sinta como a derradeira esperança de uma organização levada, por seus próprios desacertos, à crise e ao pânico, porque, cá fora, continuará a ser visto como a permanente esperança de, um dia, a inteligência criadora encontrar a perfeita liberdade, que é o governo de si mesma.